

Simpósio Temático

A ARQUITETURA DO LUGAR: VARIAÇÕES NOS LUGARES DA PLURALIDADE

Alojamento universitário como lugar no campus, caso CRUSP.

Renata Santiago Ramos – Arquiteta e Urbanista(UFRGS), Mestranda em Teoria, História e
Crítica de Arquitetura PROPAR-UFRGS



Resumo

No contexto dos campi universitários, a área destinada ao alojamentos tende a se consolidar como um lugar simbólico, de encontro e de múltiplos usos, por abrigar uma das atividades humanas básicas, a habitação. É a partir do viés funcional deste uso fundamental que se estabelecem conexões sociais e psicológicas. A casa é o lugar da segurança emocional alimentada pelos diversos significados que agrega. (NORBERG-SHULZ, 1980). No caso em estudo, o projeto de Eduardo Kneese de Mello e equipe para o Conjunto Residencial da USP (CRUSP-1963) essa familiarização relacionada ao lar combinada aos diversos estímulos ambientais oferecidos pelo projeto original contribui para que o CRUSP seja palco para eventos diversos no qual atua, de maneira geral, um grupo definido - a comunidade acadêmica.

Mesmo que privatópica (MCKENZIE, 1994), já que o conjunto é espaço de convívio de um grupo homogêneo de pessoas, o CRUSP é identificado como um lugar de pluralidade, pois comporta usos e pessoas com histórias e interesses distintos, que atuam na multiplicidade de situações cotidianas do lugar. Seja para aqueles que estão satisfeitos e sentem-se “em casa” nos alojamentos, identificando no CRUSP um espaço adequado para realização de suas atividades, ou para aqueles que se sentem injustiçados e vêem neste lugar a possibilidade de expressar seu descontentamento, o CRUSP é um ponto de referência e encontro para os usuários do Campus.

O lugar da pluralidade privatópica não se manifesta apenas em conjuntos residenciais como o CRUSP, projetados para atender um grupo determinado de indivíduos. O estudo de um projeto de interesse social para Porto Alegre na década de sessenta, realizado pela COHAB-RS, demonstra que as formas de apropriação do lugar são determinantes na categoria de pluralidade que se expressa, muito mais do que as características ou intenções de público estipuladas no projeto. Neste caso, os espaços públicos são projetados para uso da população em geral, caracterizando uma teórica pluralidade heterotópica. O que ocorre de fato é a apropriação das praças públicas pelos moradores mais próximos, constituindo núcleos com identidade própria, no qual um grupo relativamente coeso atua.

A apresentação destes casos, focando no estudo principal do CRUSP, objetiva fomentar a discussão sobre os tipos de pluralidade que se manifestam em lugares projetados para usos e públicos distintos, empregando tipologias e recursos de composição diferentes entre si, e que podem apresentar formas de apropriação similares.

Palavras-chave

Lugar, Habitação, Pluralidade.

Abstract

In the context of university campuses, the area for accommodation tends to be consolidated as a symbolic place for meeting and other purposes, because it serves one of the basic human needs, housing. It is from the functional basis of this essential need that social and psychological connections are established. The house is a place of emotional security fed by the meanings we associate with it (NORBERG-SHULZ, 1980). In the project of Eduardo Kneese de Mello and his team for the Conjunto Residencial da USP (CRUSP-1963) the familiarity that relates to homes combined with all the environmental stimuli offered by the original project contributes to make CRUSP the stage in which several events are acted out by a defined group generally- the academic community.

Even “privatópica” (MCKENZIE, 1994), given that the complex is a space where a homogeneous group of people cohabit, CRUSP is identified as one place of plurality, because it is a space where people with stories and a variety of interests interact in everyday situations. Be it for those who are satisfied and feel "at home" in the housing, identifying in CRUSP the adequate space to perform their activities, or for those who see in this place the opportunity to express their discontent. CRUSP is a reference point and meeting place for users of the campus.

The plurality privatopia does not manifest itself only in housing associations like CRUSP, which were designed to meet the needs of specific group of individuals. The study of a project of social interest for Porto Alegre in the 60's, conducted by COHAB-RS, demonstrates that the forms of place appropriation are crucial in the way plurality is expressed, much more than the characteristics or intentions of public use stipulated in the project. In this case, public spaces are designed for use by the general population, characterizing a theoretical heterotopy. What actually happens is the appropriation of public parks by the surrounding residents, forming cores with their own identity, in which a relatively cohesive group operates.

The presentation of these cases, focusing on the CRUSP study, aims to foster discussion about the types of diversity that manifest themselves in places that have been designed for different purposes and audiences, employing typologies and resources with different compositions that may exhibit similar forms of appropriation.

Key words

Place, Housing, Plurality.

Residência estudantil e a manifestação de lugar

O tema da habitação coletiva constitui ponto importante de proposição e crítica dentro da tradição moderna. Algumas cidades universitárias brasileiras, assim como importantes projetos urbanísticos do século XX contemplam grandes extensões territoriais e concentram grandes esforços intelectuais nos setores destinados à atividade do habitar. A relevância no estudo do problema da habitação universitária consiste na identificação deste tema como desdobramento do tema da habitação coletiva no âmbito da cultura moderna, e no entendimento da moradia como ponto chave no urbanismo moderno. Eduardo Kneese de Mello (1950, p. 77) acreditava que “o ponto de partida do urbanismo é uma célula de habitação (uma casa) e sua inserção em um grupo, formando uma unidade de habitação de dimensão eficaz”. A partir dessa unidade devem-se estabelecer as demais relações sociais, que compreendem o trabalho e o lazer.

Um caso pertinente inserido neste panorama é o do Conjunto Residencial da USP (CRUSP), situado na Cidade Universitária Armando Salles de Oliveira, no Bairro do Butantã. Projetado por Kneese de Mello, Joel Ramalho Jr., e Sidney de Oliveira o CRUSP foi realizado entre 1961 a 1963 para, antes de abrigar aproximadamente 2000 estudantes da universidade, alojar atletas dos jogos Pan-americanos de 1963. Esse projeto, bem como a residência de professores projetada em 1962 por João Filgueiras Lima (Lelé) para a UnB, é descrito como pioneiro na utilização de elementos pré-fabricados em grande escala no país¹.

¹ Kneese de Mello atuou na pioneira empresa Uni-seco, influenciada pela técnica de pré-fabricação inglesa, entre 1951 e 1955. Inicialmente como arquiteto colaborador, desenvolvendo os sistemas construtivos, e posteriormente como sócio empresário. A experiência adquirida neste período contribuiu com o processo de racionalização de todo o conjunto da edificação do CRUSP. (MONTENEGRO FILHO, 2007).



Os alojamentos são compostos por nove edificações do tipo barra erguida sobre pilotis, com seis pavimentos cada, articuladas perpendicularmente a um eixo peatonal coberto que distribui os acessos às torres de circulação vertical e aos demais setores do programa, como biblioteca e restaurante universitário. “Tiveram os arquitetos a preocupação de oferecer aos estudantes a possibilidade de se locomoverem, a pé, protegidos contra o sol e a chuva e sem cruzarem com veículos, em toda a área do setor residencial.” (ACRÓPOLE, nº. 303, p. 95, 1964).



Figura 2: Imagem de três blocos com a conexão peatonal coberta.
Fonte: ACRÓPOLE, 1964, p. 93.

A atividade habitar, por sua relevância no cotidiano das pessoas, atrai movimentação e interação, principalmente em um contexto de experimentação e descobertas como no caso dos campi universitários. Essa movimentação natural, quando estimulada, pode transcender a mera necessidade de abrigo - ao aspecto funcional - e configurar um real lugar da urbanidade.

No caso do CRUSP os dois aspectos de projeto, “placemaking” e “placemarketing” (CASTELLO, 2005), contribuem significativamente para definir as qualidades que permitem o reconhecimento do lugar. As decisões arquitetônicas, ou o “fazer lugar”, correspondem a um programa complexo e devem atender atividades voltadas à concentração e introspecção, mas também serem pertinentes aos momentos da coletividade, da reunião e do lazer. Além disso, a maneira como o conjunto é gerenciado, tanto pelos administradores oficiais quanto pelos próprios estudantes-moradores, é definitiva no entendimento deste complexo como um lugar.

Segundo a psicologia ambiental, a forma física é determinante nos fenômenos perceptivos. Cenários físicos, representações funcionais, evocam respostas humanas

na forma de sentimentos, atitudes e expectativas. Canter (1977) relaciona três aspectos que compõem um lugar: atividades, conceitos e atributos físicos. Os três aspectos são identificados e caracterizados com clareza no caso em estudo. O item atividade corresponde aos eventos, programados oficialmente ou de ocorrência espontânea, os atores e as razões que levaram ao acontecimento. No caso do alojamento, diversas são as atividades possíveis e, ainda maior, a diversidade de atores, constituídos fundamentalmente por alunos, professores, visitantes. Os conceitos referem-se à imagem transmitida pelo lugar, que resulta da combinação das atividades e seus atores e dos atributos físicos, ou seja, do cenário onde as ações se desenrolam.

Através dos desenhos originais do projeto é possível identificar a proposição deliberada de uma série de estímulos ambientais resultantes dos padrões físicos. O conjunto possibilita, através de proximidade e fácil acesso, o uso dos equipamentos esportivos e de lazer, além de oferecer em sua própria estrutura, diferentes espaços abertos, alguns deles cobertos. A expectativa do projeto era propiciar espaços de uso integrado, com continuidade física e visual entre os espaços arborizados e as áreas abertas cobertas, palcos de interações sociais. Como recurso para tornar o lugar mais agradável estimulando a permanência, o projeto utiliza materiais acolhedores na arquitetura interna. A madeira, detalhada de forma rigorosa e precisa, voltada à produção industrial, é empregada de forma engenhosa servindo, de acordo com a necessidade, como mobiliário, divisória e mobiliário-divisório. Segundo Halpern (2008), o contato visual permanente com o verde melhora o humor, qualificando positivamente a vida dos usuários do lugar. A proposição de um terraço compartilhado por duas unidades e o uso do vidro nas áreas de estudo permite a vista constante para a área verde projetada no interstício dos blocos de habitação.

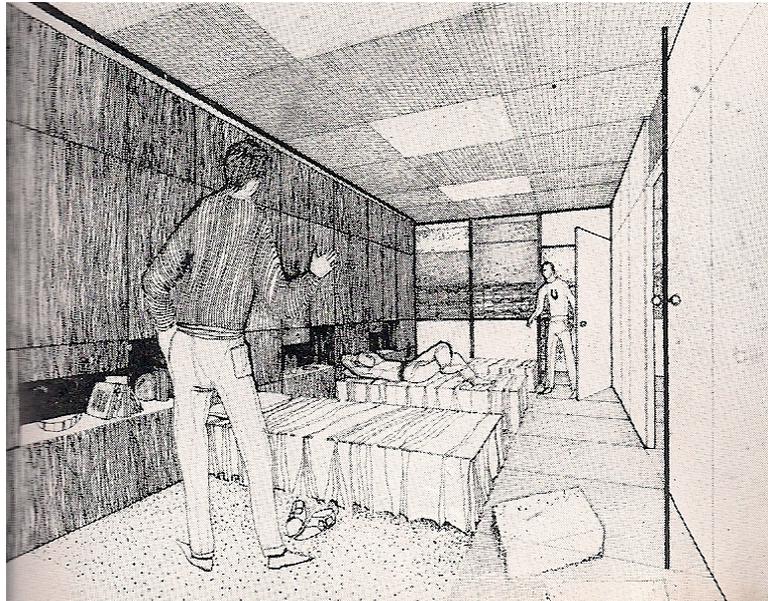


Figura 3: Área de dormir para três pessoas, interior da célula. Fonte: ACRÓPOLE, 1964, p. 99.

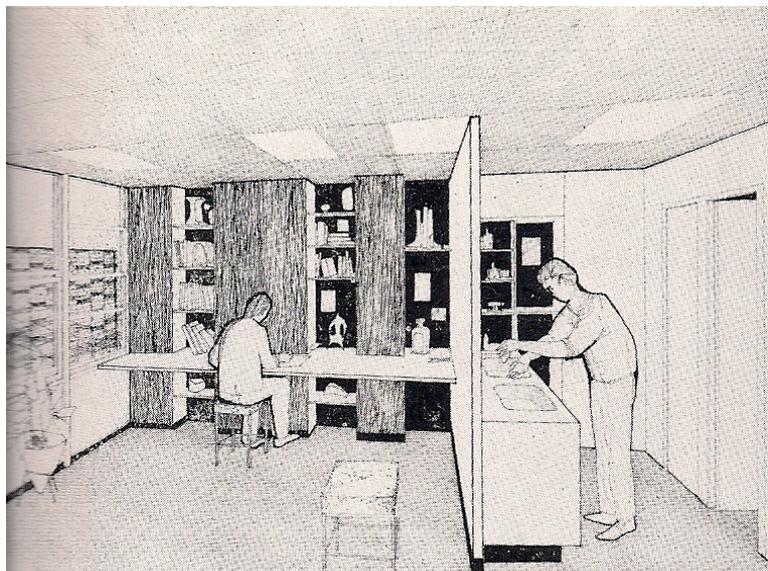


Figura 4: Área de estudo e copa, interior da célula. À esquerda, vista para a área verde. Fonte: ACRÓPOLE. 1964, p. 99.

Além da atenção voltada a orientação solar, próxima a norte/sul – favorável aos dormitórios - o espaçamento entre as barras, desencontradas, garante a eficiência do projeto no que corresponde às condições de habitabilidade. O grande espaçamento permite, além da privacidade, ventilação e iluminação natural em todos os

compartimentos de todos os pavimentos (os sanitários são ventilados por forro pleno, que também possibilita cruzar os ventos nas células). Estes espaços foram planejados com a forte expectativa de que viessem a se tornar espaços de convívio de uso intenso, para os quais os blocos se abriam em forma de platéia:

“Aqui deveria haver bancos lugar para estar. Um jogo de voleibol, por exemplo, caberia perfeitamente aqui, jogos pequenos, de modo que o estudante vivesse isto aqui, e os outros seus colegas, das suas janelas, dos seus balcões, pudessem assistir tudo isso. (...). A nossa idéia de desencontrar os prédios (...), é de criar um ambiente maior, livre aqui, uma área de estar, de lazer, de descanso dos estudantes.” (depoimento de Eduardo Kneese de Mello. Em: REGINO, 2006).

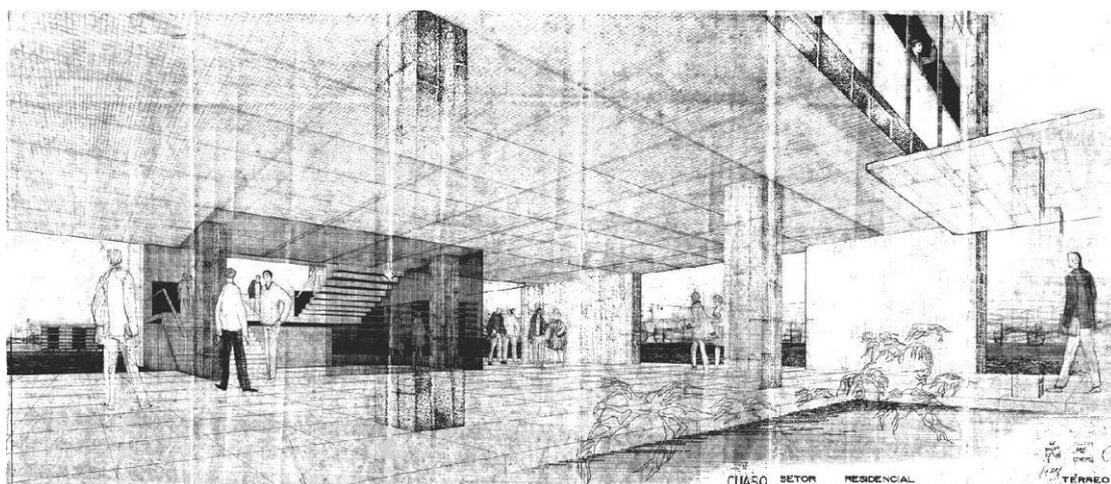


Figura 5: Perspectiva do projeto original na qual são demonstradas as expectativas de uso das áreas abertas cobertas sob as barras, contínuas às áreas verdes. Fonte: MONTENEGRO, 2007.

Como defendido por Jacobs (2000), as pessoas sentem-se mais seguras e felizes quando tem a clareza nos limites público-privado, que condicionam a apropriação de um lugar. Estudos realizados com duas tipologias de habitação estudantil demonstram que a tipologia corredor com duas faixas de dormitórios e um núcleo de serviços comum força uma interação entre os residentes que não pode ser controlada, ou seja, não há privacidade, não há alternativa. Em tipologias onde há, por unidade, um espaço privativo de estar e serviço existe uma maior definição de limites

nos contatos sociais, ou seja, a interação pode ocorrer de forma deliberada e não forçada (HALPERN, 2008).

Analogamente ao segundo caso do estudo citado, o projeto do CRUSP prevê que cada unidade tenha um número restrito de alunos residentes – três indivíduos- e que seja autônoma nas suas funções básicas, com sanitário, copa, área de estudo e área de dormir. A cada pavimento também é oferecida uma área de estar comum às dez unidades, que reduz a quantidade de usuários e permite que, a cada pavimento, os usuários se conheçam melhor. Estas salas, embora com possibilidade de uso da coletividade, convertem-se em espaços de caráter mais privado dos indivíduos com contato mais imediato com estes lugares. Estes recursos de projeto propiciam maior privacidade no interior das células e também a cada pavimento, onde os indivíduos exercem maior controle sobre as relações sociais. É similar a situação que veremos no Bairro Farrapos, onde os espaços de convívio são passíveis de uso de toda a comunidade, mas onde cada núcleo acaba sendo apropriado pelos moradores das imediações.

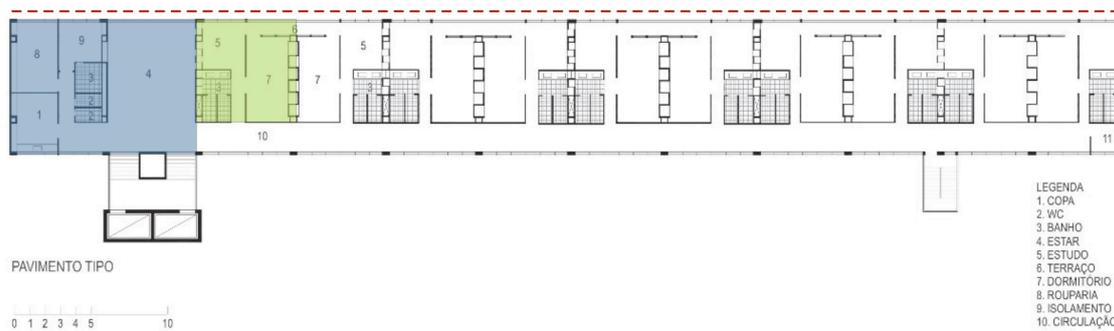


Figura 6: Planta baixa pavimento tipo, projeto original. Em azul a área de uso comum, em verde a célula residencial autônoma. A linha vermelha indica o plano de contato com a área verde. Fonte: REGINO, 2006.

As más condições da construção, verificadas através de imagens e relatos da ocupação², refletem problemas com administração do conjunto. As edificações e os espaços abertos não recebem a manutenção adequada, acarretando a precariedade e decadência de muitos setores. Diversos elementos do projeto sofreram substituições qualitativamente aquém dos itens originais, e os espaços abertos que poderiam ser

² Imagens das novas construções que alteraram sensivelmente o caráter do conjunto podem ser verificadas em MONTENEGRO, 2007; e em sites e blogs da internet. Os relatos citados correspondem a pesquisas informais sobre a opinião de usuários do lugar.

áreas verdes com vitalidade são espaços degradados, característicos de um urbanismo desqualificado. Isso decorre, em parte, da ocupação por novas edificações nas áreas abertas cobertas dos térreos, que antes se relacionavam e estabeleciam continuidade com as áreas ajardinadas. Inconformado com os acréscimos edificados que descaracterizaram o projeto original, o arquiteto Kneese de Mello expressava seu descontentamento: “(...) lamento que a coisa tenha sido alterada e especialmente com esse espaço reduzido ou destruído com essas construções que não tem sentido nenhum estarem aqui (...)” (depoimento de Eduardo Kneese de Mello. Em: REGINO, 2006)

Os acessos a estas áreas são bloqueados por construções alheias à função residencial ou relativa aos estudantes, executadas sem um plano regulador o que, combinado com a falta de atrativos, gera um espaço estéril.

“(...) as novas edificações foram de um modo geral implantadas sem respeito pelo conjunto e pelos espaços – em suma sem muito critério de projeto. Novas construções continuam a ser implantadas, refletindo não existir uma política diretriz para a evolução e preservação do conjunto, ou para uma qualificação espacial através de acréscimos e sobreposições de usos com planejamento (...).” (MONTENEGRO, 2007: pg.159-160).

A priori, não há uma defesa à permanência estática do projeto original diante de alterações pertinentes que venham a surgir. Entretanto, estas novas construções, quando resultantes de demandas legítimas, devem respeitar e manter as relações básicas que direcionaram o projeto, sem descaracterizá-lo, enfraquecendo o caráter, a atmosfera do conjunto (NORBERG-SHULZ, 1980), e a identificação dos usuários para com ele. As áreas cobertas nos térreos, onde ocorrem às ocupações, e as suas possibilidades de conexão com os setores abertos, possuem potencial para tornarem-se espaços atrativos, mas que sem o adequado gerenciamento estão fadados ao desuso.



Figura 7: ocupação descontrolada, incompatível com o projeto original.
Fonte: MONTENEGRO, 2007.



Figura 8: ocupação descontrolada e bloqueio do contato com a área verde.
Fonte: www.usp.br. Acesso em 28 de julho de 2010.

Do ponto de vista dos eventos há, constantemente, a promoção de atividades culturais e políticas por parte dos alunos. Atualmente ocorrem feiras, protestos, festas, etc, nas quais participam moradores e usuários do campus. Durante o regime militar os estudantes montaram centros de resistência até que as edificações foram tomadas, e desde este período o CRUSP é palco de diferentes manifestações. Neste lugar da memória³, impregnado com as lembranças da resistência, documentadas com orgulho por “cruspianos” em diversos sites e blogs da internet⁴, há o sentimento de coletividade, de luta pelos ideais. Estes eventos demonstram que os alunos se apropriam de fato do lugar e sentem-se a vontade para nele exercer sua liberdade de expressão. A presença da mídia, que constitui um fator de verificação da efetividade do lugar, se dá em muitos momentos da história do conjunto, cobrindo os principais

³ Ver mais sobre os tipos de lugar (da Aura, da Memória, da Pluralidade) em CASTELLO, Lineu. Repensando o Lugar no Projeto Urbano Variações na Percepção de Lugar na Virada do Milênio (1985-2004). Porto Alegre, 2005. Tese (doutorado).

⁴ Alguns destes blogs, organizados por moradores de diversos períodos: CRUSP Memória Homepage (sites.google.com/site/cruspao); CRUSP Blog (crusp.blogspot.com); Conjunto Residencial da Universidade de São Paulo na década de 60 (crusp68.rits.org.br/abertura.php).

eventos, principalmente os protestos. Não há aqui juízo de valor sobre a pertinência das manifestações em si, mas da possibilidade de apropriação do lugar, de expressão.



Figura 9: Centro de resistência ao regime militar.
Fonte: http://www.cdcc.usp.br/ciencia/artigo_s/art_23.
Acesso em 28 de julho de 2010.



Figura 10: Tomada do CRUSP pelos militares.
Fonte: www.uol.com.br/moradia-universitaria.
Acesso em 28 de julho de 2010.

Apesar dos esforços arquitetônicos identificados, o lugar possui características negativas do urbanismo moderno, como a indefinição espacial e de usos das áreas abertas, relacionados à falta de manutenção, o que acarretou na apropriação de

muitos espaços abertos cobertos do projeto original. Esse problema é reforçado pela falta de um plano de diretrizes para as ocupações posteriores ao projeto original. Algumas ações, tal como propor, quando verificada a pertinência, projetos baseados em um plano regulador bem delineado, que estimulem a efetividade do lugar, poderiam contribuir para manter a aura existente e aperfeiçoar a manifestação deste lugar. Além disso, faz-se fundamental qualificar o gerenciamento, tanto no que se refere à preservação dos aspectos arquitetônicos que contribuem para a configuração e percepção do lugar, quanto dos eventos e atividades que ocorrem usufruindo da infra-estrutura existente. Do ponto de vista do gerenciamento do legado arquitetônico-urbanístico, respeitar as linhas originais do projeto que buscavam qualidades interiores, relacionadas à habitabilidade, e a configuração e elementos espaciais externos, como áreas abertas, zonas cobertas, passagens, mobiliário.



Figura 11: Apropriação do lugar como lar. Fonte: MONTENEGRO, 2007.



Figura 12: Apropriação do lugar como palco para manifestações. Fonte: www.estadao.com.br. Acesso em 28 de julho de 2010.

Mesmo diante das dificuldades identificadas, este lugar se manifesta de diferentes maneiras. Mesmo que composto por um grupo homogêneo de pessoas, em geral a comunidade acadêmica, o CRUSP é identificado como um lugar de pluralidade, pois comporta usos e pessoas com histórias e interesses distintos. A intervenção nos espaços físicos, com o acréscimo de elementos pessoais (fig. 11) cria um cenário particular para a vida coletiva cotidiana.

A análise deste caso demonstra que os alojamentos de estudantes são lugares muito marcantes na vida de seus usuários, não só por se tratar do lar destes indivíduos em um tempo de descobertas e crescimento, mas por abrigar, como no caso do CRUSP, diversas atividades. O caso do CRUSP leva a propor que o lugar do lar, mas também do protesto é um lugar de intensa carga democrática, onde as pessoas sentem-se livres e acolhidas para demonstrar suas inquietações.

Bairro Farrapos e a manifestação da privatopia no espaço público

A pluralidade privatópica ocorre, como identificado, onde a convivência se restringe a um grupo homogêneo de indivíduos. Entretanto, as formas de apropriação dos lugares ao longo do tempo podem, em certos casos, encaminhar a um tipo de diversidade de uso diferente da prevista no plano original. O trabalho identificou uma forma de ocupação que manifesta pluralidade privatópica em local projetado com intenção pública, para grupos distintos da cidade, configurando teórica heterotopia, mas que por apropriação dos indivíduos conectados de forma mais imediata com esse lugar, acaba adquirindo um caráter mais privado.

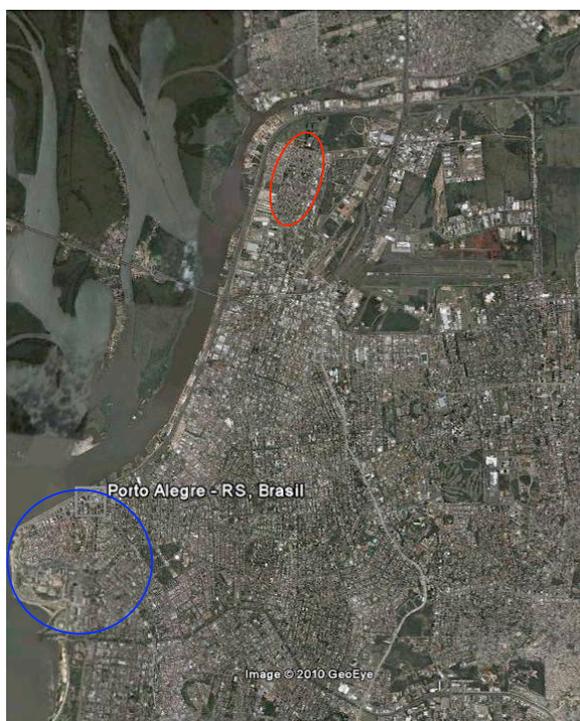


Figura 13: Posição do bairro Farrapos em relação ao centro da cidade (em azul).
Fonte: esquema sobre mapa google earth.



Figura 14: Em cinza os blocos residenciais pontuados pelas praças, em verde. Fonte: esquema sobre mapa da Prefeitura Municipal
<http://www2.portoalegre.rs.gov.br>

Oficializada como bairro em 1988, a Vila Farrapos⁵, como é mais conhecida, localiza-se na zona norte de Porto Alegre-RS, junto aos limites com o lago Guaíba e a cidade de Canoas. O empreendimento realizado pela COHAB-RS na década de sessenta (documentação oficial de 1965)⁶, está posicionado na entrada da capital, para chegada por via rodoviária e também aérea. Configura-se como um núcleo de residências populares da cidade, a primeira realização de autoridades públicas do estado no sentido social.

“The main goal for the public sector was to provide clean, safe, healthy and good quality housing environment for low income people, allowing, at the same time, for the resettlement of a group of families located next to the railway track at the border line with the Navegantes neighbourhood.”(CASTELLO, 2008).

A morfologia do conjunto, com aproximadamente 165ha, é marcada pela horizontalidade e densidade (103hab/ha)⁷ na ocupação dos terrenos de dimensões padrão - 8x16m. No projeto foram previstas praças no entorno das quais se organizam fitas duplas de unidades residenciais. As muitas praças compensam, de certa forma, o pouco espaço aberto na individualidade de cada lote. As praças apresentam características distintas umas das outras, algumas possuem estabelecimentos comerciais em uma das faces, e outras apresentavam, no projeto original, mobiliário urbano e equipamentos de apoio para a realização de atividades esportivas e de lazer. Um projeto atual de revitalização dos espaços abertos está implantando novos equipamentos e infraestrutura.

⁵ Dados no site da Prefeitura Municipal de Porto Alegre: http://www2.portoalegre.rs.gov.br/portal_pmpa_novo/

⁶ Documentos e desenhos do processo de aprovação consultados no Arquivo Municipal de Porto Alegre.

⁷ Dados Censo 2000 em: http://proweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/spm/usu_doc/censos_de_80_90_e_2000.pdf



Figura 15: Quarteirões típicos. Nota-se a grande densidade na ocupação dos lotes. Fonte: mapa google earth.

ion of
places for people's gathering and for social conviviality, besides providing for the necessary hygienic airing of the area. "(CASTELLO, 2008).



Figura 16: Altura média das edificações, variação de um a três pavimentos. A praça é o espaço de aeração do conjunto.
Fonte: desenho elaborado pela autora.

Apesar de se tratarem de lugares públicos passíveis de uso de toda a população da cidade, a vivência no local permite constatar que cada praça possui

freqüentadores específicos que, em geral, mantem uma relação direta com o espaço público, em função de proximidade com a moradia⁸. Os indivíduos que residem em frente às praças desenvolvem um senso de propriedade sobre o espaço público, exprimindo esta relação através da presença constante nele e de intervenções nestes lugares. Muitos moradores utilizam o espaço como extensão do lar, desenvolvendo ações domésticas, como estender roupas ao sol, elaborar almoços de final de semana ou eventos festivos.

“The project achieved in providing an urban environment of high standards, and generated an active and gregarious residential community.” (CASTELLO, 2008). Nesta comunidade articulada e com consciência de grupo determinados moradores exercem papel dominante, como “zeladores” das praças, envolvendo-se em discussões sobre as transformações dos espaços públicos e mesmo atuando diretamente sobre os elementos componentes destas áreas, plantando e podando espécies vegetais, realizando serviços de pintura, decoração e limpeza (figs. 17 e 18). Um “forasteiro”, ou seja, alguém que não componha o grupo de usuários mais ativos não possui a mesma liberdade para intervir tão fortemente sobre estes lugares. Apesar de não haver uma limitação física ou legal que ratifique esta situação, há o que se poderia definir como um acordo moral ou cultural sobre esta forma de agir.

⁸ A autora reside no bairro há vinte e cinco anos, acompanhando as transformações nas praças e na vizinhança durante este período.



Figura 17: Pintura de troncos de árvores e bancos executada por moradores próximos à praça. Fonte: foto da autora.



Figura 18: Jardinagem, poda e pintura de meio-fio pelos moradores deste vértice da praça. Fonte: foto da autora.

O público em geral faz uso do espaço em algumas ocasiões, geralmente como visitantes convidados por moradores das proximidades, mas a presença de pessoas

estranhas à convivência cotidiana desperta um comportamento de alerta, segundo o qual alguém que perturbe a ordem estabelecida é rechaçado. Este sentido de proteção em relação ao espaço público está diretamente fundamentado na presença de um grande número de crianças que convive diariamente nas praças. Essa vigilância constante sobre o lugar de uso comum oferece aos moradores a sensação de segurança, que varia em níveis de intensidade de acordo com as próprias características do espaço e com o envolvimento dos moradores com este lugar.



Figura 19: Jogos infantis. Fonte: foto da autora.

Bibliografia

ACRÓPOLE. São Paulo, 1964. nº303, p. 93-101.

ARQUITETO: Eduardo Kneese de Mello. Produção de Ângela Podolsky. São Paulo: VídeoVideo Produtora. Transcrição de Aline Nasaralla. Vídeo realizado para o IAB.

AU Arquitetura e Urbanismo. São Paulo, 1992. nº45, p. 79-88.

BRUAND, Yves. Arquitetura contemporânea no Brasil. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

CANTER, David. The Psychology of Place. London: Architectural Press, 1977.

CASTELLO, Lineu. Repensando o Lugar no Projeto Urbano Variações na Percepção de Lugar na Virada do Milênio (1985-2004). Porto Alegre, 2005. Tese (doutorado).

CASTELLO, Iara; CASTELLO, Lineu. "Compacting Porto Alegre: the New 'City Gates' Project". In: 44th ISOCARP Congress 2008.

CENTRO DE PRESERVAÇÃO CULTURAL DA USP. Cidades Universitárias: Patrimônio Urbanístico e Arquitetônico da USP. São Paulo: EDUSP; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2005.

CURTIS, William J.R. Modern Architecture since 1900. Londres: Phaidon, 2001.

HALPERN, David. Na Evidence-Based Approach to Building Happiness in Building Happiness Architecture to make you smile. Edited by Jane Wernick. Black Dog Publishing: Londres, 2008.

JACOBS, Jane. Morte e Vida de Grandes Cidades. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

KNEESE DE MELLO, Eduardo. Porque Arquitetura Contemporânea. (In Acrópole, nº 102, p. 159-168, 1946).

KNEESE DE MELLO, Eduardo. IAB/SP 8 de novembro de 1950. Artigo.

KNEESE DE MELLO, Eduardo. Setor Residencial da Cidade Universitária "Armando Salles de Oliveira". [196?]. In: REGINO, Aline Nasaralla. Eduardo Kneese de Mello: Arquiteto: Análise de sua contribuição à Habitação Coletiva em São Paulo. 2006. 293f. Tese (Mestrado em Arquitetura). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2006.

MCKENZIE, Evan. Privatopia Homeowner Associations and the Rise of Residential Private Government. New York: Vail-Ballou Press, 1994.

MONTENEGRO FILHO, Roberto Alves de Lima. Pre-fabricação e a obra de Kneese de Mello. São Paulo, 2007. Dissertação (Mestrado).

NORBERG-SHULZ, Christian. Genius Loci Towards a Phenomenology of Architecture. New York: Rizzoli, 1980.

RAMALHO Junior. Joel. Eduardo Kneese de Mello: o Homem e o Arquiteto. Curitiba, s/d.

REGINO, Aline Nassaralla. Eduardo Kneese de Mello | Arquiteto: análise de sua contribuição à habitação coletiva em São Paulo. São Paulo, 2006. Dissertação (Mestrado).

SEGAWA, Hugo. Rio de Janeiro, México, Caracas: cidades universitárias e modernidades 1936-1962. Rua, Revista de urbanismo e arquitetura, Salvador, n.7 (Moderno:claro e labiríntico), p.38-47, 1999.

XAVIER, Alberto; LEMOS, Carlos; CORONA, Eduardo. Arquitetura Moderna Paulistana. São Paulo: Pini, 1983.